



ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação

A leitura em Portugal: perfis e tipos de leitores¹

NEVES, José Soares

Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Observatório das Actividades Culturais

jose.neves@oac.pt

LIMA, Maria João

Mestre em Ciências Musicais

Observatório das Actividades Culturais

mjlima@oac.pt

Resumo

Nesta comunicação retomam-se os dados do inquérito à população portuguesa A Leitura em Portugal (realizado pelo Observatório das Actividades Culturais no âmbito do Plano Nacional de Leitura), com especial incidência nos perfis sociográficos e nos tipos de leitores de livros. Pretende-se, deste modo, detectar as características em que a população portuguesa segue – ou, pelo contrário, se distancia – (d)as tendências já verificadas pela sociologia da cultura noutros países e simultaneamente identificar segmentações sociais nos perfis sociais dominantes com recurso a análise multivariada.

Faz-se uma breve abordagem sobre os estudos sociológicos aos hábitos de leitura realizados em Portugal, abordam-se aspectos metodológicos (objectivos, universo, amostra). Dá-se conta da evolução registada para vários indicadores. Caracteriza-se a realidade portuguesa de acordo com várias das dimensões inquiridas. Termina-se com a tipologia resultante do cruzamento de 4 indicadores: o tempo gasto a ver televisão, ouvir rádio, usar a internet e ler a qual permite entender as relações entre práticas que, com alguma frequência, são apresentadas como alternativas ou mesmo como factores justificativos do recuo da prática de leitura patente nos estudos realizados em diversos países ocidentais.

Palavras-chave: leitura; hábitos de leitura; práticas culturais; perfis de leitores





1. Introdução

Quem lê, o que lê, onde lê, porque lê (ou não), qual o lugar da leitura no conjunto das práticas culturais, quais as evoluções que se podem detectar relativamente a anteriores inquéritos à população realizados em Portugal? Estas são algumas das questões que, no estudo *A Leitura em Portugal* (LP 2007), orientam o Módulo dirigido à população portuguesaⁱⁱ.

O presente estudo sobre práticas de leitura insere-se nos estudos sociológicos realizados no âmbito do Plano Nacional de Leitura (PNL)ⁱⁱⁱ.

1.1 Os inquéritos sociológicos sobre a leitura em Portugal

O estudo *A Leitura em Portugal* insere-se na linha de pesquisa sociológica sobre a leitura por inquérito extensivo à população.

Nesta mesma linha, o primeiro inquérito sociológico, *Hábitos de Leitura em Portugal*, foi realizado em 1988 a um universo delimitado pela população portuguesa residente no continente, nas localidades com 1000 habitantes e mais, alfabetizada e com 15 e mais anos, universo correspondente a um contingente populacional de 3,5 milhões. Tem por base uma amostra aleatória de 2000 indivíduos. Os resultados foram inicialmente publicados na revista *Sociologia Problemas e Práticas* (Freitas e Santos, 1991; 1992b), alguns elementos foram retomados numa comunicação sobre “O público leitor e a apropriação do texto escrito” (Santos, 1992) e, posteriormente, uma síntese foi publicada em livro (Freitas e Santos, 1992a)^{iv}.

O segundo inquérito sociológico^v, *Hábitos de Leitura: Um Inquérito à População Portuguesa*, foi realizado em 1995 a um universo composto pela população portuguesa residente no continente (incluindo os habitantes nas localidades com menos de 1000 habitantes, ao contrário do estudo de 1992), alfabetizada e com 15 e mais anos, correspondente a um contingente populacional de cerca de 6,6 milhões. Tem por base uma amostra de 2506 indivíduos, representativa do universo e estratificada por região e por dimensão populacional das localidades de residência, tendo os indivíduos sido seleccionados através do método de amostragem por quotas a partir de uma matriz formada pelas variáveis sexo, idade e grau de escolaridade. Os resultados finais^{vi} foram publicados em 1997 (Freitas, Casanova e Alves, 1997)^{vii}.

Importa ter em conta que, embora o método utilizado em ambos os estudos seja, em termos gerais, muito próximo, a diferença entre os universos inquiridos só permite comparações para a parte da população residente em localidades com 1000 e mais habitantes, logo correspondente a um tecido social mais urbano (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 267-268).

Assim, embora estas sejam as principais referências empíricas do presente inquérito^{viii}, no que respeita à análise das evoluções entretanto ocorridas no país, a referência adoptada para comparação é o Inq. 97.

1.2 O universo e a amostra do estudo *A Leitura em Portugal*

Tal como nos anteriores inquéritos sobre a leitura, o estudo LP 2007 considera o universo composto pelos residentes no continente com 15 e mais anos que declaram saber ler e escrever (não analfabetos), universo correspondente a um contingente populacional de perto de 7,5 milhões de habitantes.

O método seguido para a selecção das localidades e dos indivíduos a entrevistar é similar ao do Inq. 97. A selecção das localidades foi realizada de acordo com as variáveis região e habitat e a selecção dos inquiridos foi feita por quotas com as variáveis sexo, idade e grau de escolaridade, definidas com base no



Censos 2001, tendo tido em conta uma redistribuição em função da exclusão dos indivíduos que não possuem nenhum nível de ensino e dos indivíduos com idade inferior a 15 anos.

A amostra inicialmente prevista era de 2500 entrevistas. A amostra final, directamente proporcional ao universo, corresponde a 2552 entrevistas validadas.

Refira-se ainda que a selecção da amostra, o pré-teste, o trabalho de campo, o controlo de qualidade e a codificação foram realizados pela empresa Intercampus. O trabalho de campo (entrevista pessoal e directa realizada no domicílio) decorreu entre 15 de Novembro de 2006 e 22 de Janeiro de 2007.

Importa referir ainda os dois requisitos centrais do projecto – por um lado assegurar uma linha de continuidade em relação a inquéritos realizados no passado, permitindo o confronto entre os sucessivos resultados para algumas das questões e, por outro lado, contemplar a evolução entretanto ocorrida em Portugal na esfera cultural e em particular nos modos de aceder à, e usufruir da, cultura e especificamente da leitura. A compatibilização entre estes dois requisitos não se mostrou tarefa fácil, tendo em conta a necessária economia entre *as questões que seria de manter, as que deveriam ser actualizadas e as que se afigurou indispensável acrescentar*.

O estudo LP 2007 apresenta três grandes diferenças face ao Inq. 97, todas elas visando um maior detalhe analítico: a. Quanto aos *contextos de leitura*; b. Quanto à *frequência de bibliotecas*; c. Quanto às *novas tecnologias da informação e comunicação* (TIC).

a. Relativamente aos *contextos de leitura*, optou-se por uma distinção sistemática entre os três contextos (lazer, estudo e profissional) em vez da segmentação dicotómica (leitura de lazer *versus* leitura de estudo/profissional). Trata-se de uma perspectiva relativamente recente nos estudos sociológicos sobre a leitura e, ainda assim, frequentemente circunscrita a universos populacionais segmentados pela idade, grau de escolaridade ou limites administrativos regionais ou locais (ver, designadamente, Dendani e Reysset, 1998; Singly, 2005). Ressalve-se contudo, a este propósito, que o contexto de lazer tem sido o contexto central nos inquéritos sociológicos às práticas de leitura (de livros, adiante-se) da população adulta (Griswold, McDonnell e Wright, 2005), e que esta perspectiva não foi abandonada, mas sim complementada.

b. Quanto à *frequência de bibliotecas*, considera-se, conforme é habitual, como uma prática cultural. Mas acrescenta-se uma outra perspectiva (desenvolvida sobretudo no Módulo para pais e/ou Encarregados de educação): quando a ida a bibliotecas é acompanhada (pais e filhos), ela pode ser considerada como uma das formas de incentivo à leitura. O presente estudo dá um especial enfoque às bibliotecas municipais e às bibliotecas escolares, em virtude do(s) seu(s) recente(s) desenvolvimento(s) em Portugal e dos objectivos específicos deste estudo e do contexto em que é realizado (como se referiu o Plano Nacional da Leitura).

c. As *novas tecnologias de informação e de comunicação*, à altura do Inq. 97 ainda uma realidade emergente, ganharam no presente estudo maior destaque, designadamente no que diz respeito às recentes dinâmicas da relação entre estas e a leitura, enquanto novos suportes e enquanto mediadoras dos tradicionais suportes em papel (livros, jornais e revistas).

Na linha da procurada compatibilização entre os dois requisitos acima referidos, tendo-se mantido a generalidade das dimensões utilizadas no Inq. 97, introduziram-se determinados blocos, perguntas e opções de resposta no sentido de actualizar, diferenciar e abrir lugar aos novos aspectos aqui privilegiados.

De todo o modo, preservaram-se aspectos como os suportes de leitura (jornais, revistas, livros e outros suportes) e as tipologias de leitura (cumulativa, parcelar e não-leitores) e de leitores de livros (pequenos, médios e grandes) que foram utilizadas nos anteriores inquéritos como variáveis explicativas. Refira-se, contudo, que se privilegia o recurso a métodos multivariados, não utilizados no Inq. 97, na análise dos dados e na construção de novas variáveis e tipologias. Neste último caso, constituíram marcos principais a reter, os *tipos de relações com a leitura* (Donnat, 1994: 262-306); a *tipologia de segmentos de públicos*



(Santos, Gomes, Neves, Lima, Lourenço, Martinho e Santos, 2002: 251-294) e a *tipologia de modos de relação com a ciência* (Costa, Ávila e Mateus, 2002).

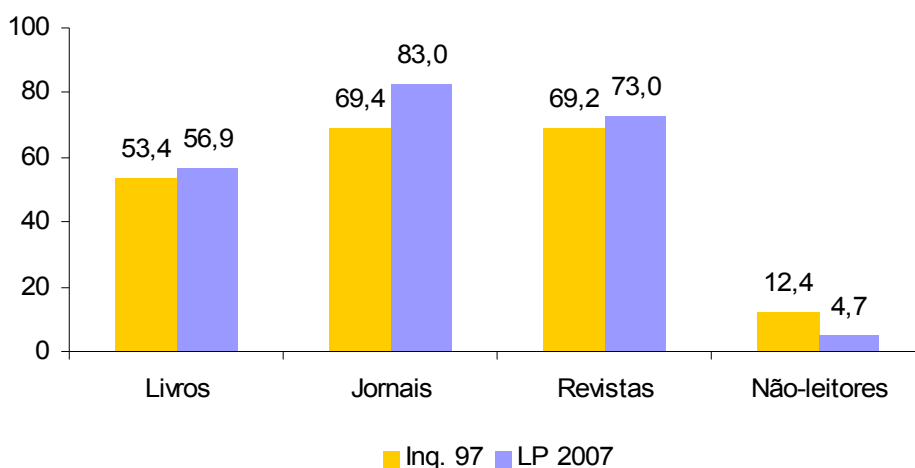
Ao longo do processo de ponderação sobre quais as dimensões a considerar, e como proceder quanto à respectiva formalização no questionário, procurou-se ainda incorporar outros contributos teóricos e metodológicos dos inquéritos às práticas de leitura e às práticas culturais da população. A este propósito, haverá que referir que são essencialmente duas as fontes de natureza quantitativa extensiva utilizadas em estudos sociológicos sobre a Leitura: inquéritos às práticas culturais e inquéritos à ocupação do tempo (*time budget survey*) (Knulst e Broek, 2003). Independentemente das considerações sobre as vantagens e limitações de cada um – apontadas pelos autores citados e por, entre outros, Olivier Donnat (2004) – importa ter em conta que se trata aqui de um inquérito às práticas e não à ocupação do tempo, e que se trata mais de práticas declaradas do que práticas efectivas (Pais, Nunes e Mendes, 1994: 16). Haverá ainda que distinguir este estudo dos que incidem sobre literacia, designadamente os realizados à população escolar portuguesa (Sim-Sim e Ramalho, 1993) e à população portuguesa (Benavente, Rosa, Costa e Ávila, 1996).

Várias pesquisas foram tidas em consideração para se aferir, ainda que exploratoriamente, o significado dos resultados obtidos em aspectos particulares das práticas culturais, incluindo as da leitura, da população portuguesa. É o caso do *Inquérito à Ocupação do Tempo 1999* (Lopes, Coelho, Neves, Gomes, Perista e Guerreiro, 2001) o qual, apesar de se inserir na linha de pesquisa da ocupação do tempo, inclui um módulo de práticas culturais no qual se considera a leitura de livros, jornais e revistas. Note-se que este estudo permanece, ainda hoje, como o único inquérito às práticas culturais da população portuguesa que, ao contrário do que é comum, inclui o continente e as regiões autónomas. Outros estudos realizados mais recentemente sobre a realidade portuguesa incluem indicadores sobre práticas culturais e estilos de vida (Costa, Ávila e Mateus, 2002) e sobre as tecnologias da informação e da comunicação (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005) foram também convocados. Como termo de comparação a nível europeu teve-se em conta um estudo realizado em 2001 e promovido pela Comissão Europeia (EUROSTAT, 2001; Skaliotis, 2002; Spadaro, 2002)^{ix} e um outro realizado em 2003 com os países do alargamento (Eurostat, 2007 com os 27 países). E, embora restritos aos praticantes efectivos, considerou-se ainda como referências as pesquisas sobre públicos da cultura realizadas no OAC (Gomes, Lourenço e Neves, 2000; Santos, Nunes, Cruz e Lourenço, 2001; Santos, Gomes, Neves, Lima, Lourenço, Martinho e Santos, 2002) e sobre as bibliotecas públicas (Lopes e Antunes, 2001).

2. Síntese de Resultados

2.1 Evolução da leitura e perfis dos leitores por suporte

Como evoluiu a leitura (de lazer, escolar ou profissional) na população portuguesa relativamente ao precedente inquérito sociológico (Freitas, Casanova e Alves, 1997) realizado em Portugal? Um primeiro dado a reter é o significativo recuo dos não-leitores, que se situam agora nos 5% face aos anteriores 12%. Um outro dado refere-se ao crescimento das percentagens dos leitores dos três suportes considerados (jornais, revistas e livros), com destaque para os jornais. Além disso, os jornais são agora claramente o suporte com maior percentagem de leitores (83%), seguidos das revistas (73%) e dos livros (57%) (gráfico 1).



Bases: para Inq 97 (n = 2.506); para LP 2007 (n = 2.552)

Fonte para Inq 97: Freitas, Casanova e Alves (1997: 116, 177, 202 e 248).

Gráfico 1 – Leitores por suporte (Inq. 97 e LP 2007)
(percentagem)

Estes dados mostram que Portugal não acompanha a tendência de recuo da leitura verificada noutros países europeus. Contudo, esta constatação, apesar de em si mesma ser significativa, deve ter em conta uma outra: os baixos patamares das taxas de leitura da população portuguesa, de que só recentemente começou a sair com o aumento dos níveis de escolaridade.

O recurso à tipologia de leitura mostra que o decréscimo dos *não-leitores* se traduziu no aumento da leitura *cumulativa* (leitura dos três suportes) mas, sobretudo da *parcelar*, (leitura de dois suportes). Esta última representa mais de metade dos inquiridos (quadro 1).

	Inq. 97 *	LP 2007
Cumulativa	38,7	40,7
Parcelar	48,8	54,5
<i>Revistas e livros</i>	7,3	6,4
<i>Jornais e livros</i>	4,9	7,7
<i>Jornais e revistas</i>	14,8	22,1
<i>Só livros</i>	2,5	2,1
<i>Só revistas</i>	8,4	3,8
<i>Só jornais</i>	10,9	12,5
Não-leitores	12,4	4,7
<i>Bases</i>	2.506	2.552

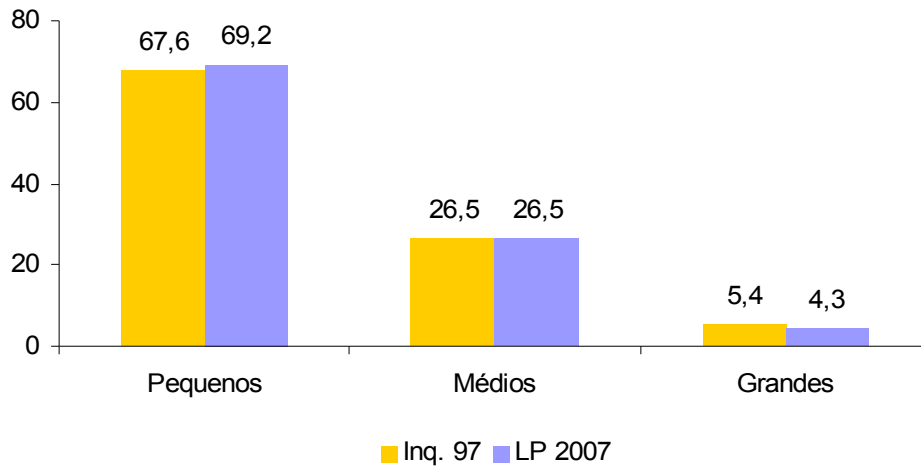
* Freitas, Casanova e Alves (1997: 248).

Nota: Leitura *cumulativa* dos três suportes (livros, jornais e revistas);
Leitura *parcelar* de pelo menos um deles.

Quadro 1 – Tipologia de leitura (Inq. 97 e LP 2007)
(percentagem)



Especificamente no tocante aos leitores de livros, um outro dado a reter é que se verificou um crescimento ligeiro dos *pequenos* leitores acompanhado de igual recuo dos *grandes* leitores, uma vez que a percentagem correspondente aos *médios* leitores permaneceu estável. Adiante-se que sete em cada dez inquiridos são *pequenos* leitores, ao passo que os *grandes* leitores se situam nos 4%. Neste aspecto Portugal segue a tendência já verificada noutros países (gráfico 2).



Bases = leitores de livros: Para Inq 97 (n = 1.145); Para Lp 2007 (n= 1.395)

Fonte para Inq 97: Freitas, Casanova e Alves (1997: 128).

Notas: i) Para Inq 97 a soma das parcelas (na fonte) é 99,5%. ii) Pequenos = 1-5 livros; Médios = 6-20 livros; Grandes = + de 20 livros. O período de referência é 1 ano.

Gráfico 2 – Tipos de leitores de livros (Inq. 97 e LP 2007)
(percentagem)

Quais os perfis sociais predominantes dos leitores suporte (livros, jornais, revistas)? Em consonância com as conclusões da generalidade dos estudos sociológicos, a presente pesquisa confirma que eles são significativamente distintos entre si. De facto, o dos leitores de livros é marcado pela feminização, juvenilidade e qualificação em termos de recursos educativos, ao passo que o dos leitores de jornais se caracteriza pela acentuada masculinização, especial incidência nos grupos de idade situados entre os 25 e os 54 anos, e entre aqueles que possuem o 3º ciclo do ensino básico ou mais. Quanto aos leitores de revistas, têm em comum com o dos leitores de livros o carácter feminizado, a juvenilidade (embora mais acentuada) mas aproximam-se do dos leitores de jornais pelas qualificações escolares e académicas (quadro 2).



	Tipos de leitores de livros			Totais
	Pequenos	Médios	Grandes	
Número	966	370	59	1.395
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	36,7	15,1	11,9	30,0
3º Ciclo do Ensino Básico	20,4	20,5	18,6	20,4
Ensino Secundário	30,8	36,2	35,6	32,5
Ensino médio ou Superior	12,0	28,1	33,9	17,2
Idade				
15-24	18,9	34,6	39,0	23,9
25-34	22,9	23,8	28,8	23,4
35-54	36,2	30,0	18,6	33,8
Mais de 55 anos	21,9	11,6	13,6	18,9
Condição perante trabalho				
Activos	67,6	56,8	50,8	64,0
Estudantes	10,5	28,4	33,9	16,2
Outros não activos	21,9	14,9	15,3	19,8
Categoria socioprofissional *				
EDL	15,4	14,5	15,8	15,2
PTE	15,1	29,4	31,6	18,9
TI	2,6	1,6	-	2,3
O	19,5	11,0	10,5	17,2
EE	47,5	43,5	42,1	46,4

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (81% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Quadro 2 - Tipos de leitores de livros por Grau de escolaridade, Idade, Situação perante o trabalho e Categoria socioprofissional (LP 2007)
(percentagem em coluna)

2.2 Resultados globais do inquérito LP 2007

Faz-se de seguida uma síntese dos principais resultados de acordo com as dimensões formalizadas no questionário.

1. Quanto à *socialização primária para a leitura* verifica-se, desde logo, que a idade de aprendizagem se situa, hoje mais claramente, entre os 6-7 anos de idade. A precocidade da aprendizagem está directamente relacionada com a leitura: quanto mais cedo, mais cumulativa a leitura. No âmbito familiar, ver os pais a ler destaca-se das demais memórias. A existência de incentivos à leitura enquanto criança é maioritária entre os inquiridos. Esses incentivos são feitos sobretudo no contexto familiar, pelos pais, em particular pela mãe, mas há que não esquecer o contexto educativo, pelos professores. Globalmente considerados, os incentivos estão directamente relacionados com o capital escolar familiar: quanto mais qualificado o núcleo familiar mais se fazem sentir os incentivos familiares.

Quanto ao *gosto pela leitura na infância*, dois em cada três gostava de ler, sendo que as razões por que mais gostavam de ler se prendem com a aprendizagem e a curiosidade. Note-se, quanto à idade em que



despertou o gosto pela leitura (de livros), que as respostas obtidas evidenciam que ela é, normalmente, descoincidente e mais tardia relativamente à idade em que se aprende a ler – esta situa-se na infância, aquela na juventude. Note-se ainda, quanto ao livro fundador do gosto pela leitura, a relativa importância dos autores portugueses, a categoria mais referida. Registe-se ainda, sem surpresa, a importância, entre os mais novos, dos livros infantis/juvenis e, para os restantes, dos romances.

Como evoluiu o gosto pela leitura? Uma grande maioria (nove em cada dez) dos que gostavam de ler na infância (que são, lembre-se, 65% do total da amostra) afirma continuar a gostar de ler, sendo que as razões mais apontadas são gostar de aprender e de se cultivar, por gosto e prazer, e como passatempo e distração. Para a pequena proporção que deixou de gostar de ler, a falta de tempo e o desinteresse são as razões mais apontadas. Quanto aos que não gostavam de ler na infância (35% da amostra), as razões são, essencialmente, porque gostavam mais de brincar e porque achavam aborrecido. Destes, quase dois em cada três continua a não gostar de ler, por desinteresse, por achar aborrecido ou achar que tem falta de tempo. E, para os que passaram a gostar de ler, a necessidade de informação e actualização, bem como a necessidade de aprender e de se cultivar são as razões mais apontadas.

2. Entrando agora nos *suportes, géneros e frequência de leitura*, quatro em cada cinco inquiridos lê jornais, sobretudo generalistas de informação diária. Refira-se ainda que um em cada três lê jornais regionais/locais e, relativamente aos jornais de distribuição gratuita, os leitores são já um quarto dos inquiridos. Note-se, contudo, que o contributo específico destes leitores para o total é muito mais baixo. Dito de outra forma, o aumento global de leitores de jornais apenas em pequena parte (1,6%) é explicado pelos jornais gratuitos. Maior é o contributo dos leitores de jornais desportivos (4%). Quanto às secções, a de problemas sociais é a mais lida (69%), sendo que a secção de arte e cultura é lida por 24%. A leitura on-line permanece largamente minoritária: apenas um em cada dez dos que lêem jornais, e mesmo assim tendo como referência os jornais nacionais.

No tocante à leitura de *revistas* (73% da amostra), as mais lidas são, destacadamente, as femininas. A frequência da leitura é alta – mais de metade refere que as lê pelo menos uma vez por semana. A leitura on-line de revistas tem valores ainda mais baixos do que a dos jornais.

E quanto à leitura de *livros* (57% dos inquiridos), os romances, sobretudo os de amor e de grandes autores contemporâneos, estão entre os preferidos.

Passando ao número de livros lidos por contexto de leitura (de lazer, de estudo e profissional), o de lazer é claramente o que se destaca – mais de metade da amostra refere o escalão 1-3 livros – ao passo que nos restantes a moda se situa na categoria Nunca com valores acima dos 68%. Num outro plano, quase metade da amostra leu o último livro (sem ser escolar ou profissional) há cerca de um mês ou menos, sendo que a escolha ocorre essencialmente por gosto pessoal.

No que se refere aos *locais de leitura*, os resultados são expressivos: os livros lêem-se essencialmente em casa; os jornais tanto no café/restaurante como em casa; e as revistas sobretudo em casa. A frequência de bibliotecas é referida por 17% da amostra. As bibliotecas municipais (frequentadas por um em cada dez dos referidos 17%) e, a alguma distância, as escolares e as universitárias são aquelas cujos resultados estatísticos têm, apesar de tudo, algum significado. Ainda a respeito das bibliotecas, evidenciam-se diferentes procuras entre as municipais e as escolares: mais intensa, diversificada e frequente das secções destas relativamente às secções daquelas. Especificamente quanto às bibliotecas municipais importa frisar o perfil social dos seus utilizadores: escolarizados, jovens e com um peso assinalável entre os estudantes (39%), portanto com uma parte dos seus utilizadores ainda a cumprir o seu percurso escolar. Estes resultados vêm chamar de novo a atenção para a necessidade de se entender melhor (eventualmente através de estudos de públicos uma vez que os contingentes disponíveis para análise não permitem outros aprofundamentos) as relações entre bibliotecas municipais, escolares e universitárias no que respeita aos utilizadores.



Passando à *utilização das TIC*, a maioria não usa computador, mas os que usam, usam-no com valores muito expressivos a um ritmo diário ou quase. Por sua vez, a utilização da Internet (87% dos que usam o computador), é feita muito especialmente em situações de lazer, cumulativamente ou não com os contextos de estudo e profissionais, e maioritariamente a partir de casa, cumulativamente ou não com o local de trabalho ou local de ensino. Quanto aos usos, destacam-se a procura de indicações úteis e a comunicação com familiares.

3. Relativamente ao *volume e género de livros existente em casa do inquirido*, são nove em cada dez os que têm livros em casa, sendo que os géneros dicionários/enciclopédias e livros escolares são os que mais se tem em casa e que se possui em maior número. No tocante ao total de livros existentes em casa, excluindo os escolares, um quarto da amostra tem até 20 livros; três quartos tem até 100 livros. De notar que a cumulatividade dos tipos de livros predominantes em casa (tanto livros de estudo ou profissionais como livros de lazer) é tendencialmente discriminatório, fazendo-se sentir sobretudo entre os mais escolarizados, os mais jovens e os mais qualificados.

No que se refere à *frequência e locais de aquisição*, um terço comprou, no último ano, até 5 livros (sem serem escolares ou profissionais) e mais de metade não comprou nenhum. As livrarias são os principais locais de compra de livros. A compra on-line é uma prática claramente minoritária. Quando se trata de livros para oferecer, a compra ocasional é a mais frequente. Os que adquirem livros são predominantes no sexo feminino, nas idades mais jovens e, de novo, com um peso muito significativo entre os estudantes. Passando aos meios de acesso a livros/partes de livros, artigos, etc., dos cinco para os quais se solicitou a frequência de utilização, pedir livros emprestados é o mais utilizado, em detrimento de outros, entre os quais fazer download de ficheiros na Internet é o modo menos referido.

4. O bloco temático dedicado às diferentes *actividades (culturais) e sua prática* inclui várias vertentes. Na das práticas domésticas, ver televisão e ouvir rádio são, como se esperaria, as mais praticadas, e mais frequentemente; ler jornais é a prática que mais se aproxima daquelas; ler livros tem uma frequência de realização inferior mas acima do uso da Internet e de jogar (jogos vários e jogos electrónicos). Entre as práticas de sociabilidade, todas com elevadas percentagens de prática frequente, se se excluir as associações recreativas locais, destaca-se a ida ao café/esplanada. Nas práticas culturais de saída, a ida ao cinema é a mais frequente; ir a festas populares a mais comum (um em cada quatro refere a sua prática); ir a concertos de música erudita/clássica é a menos comum e a menos frequente. No que toca às práticas expressivas, a sua ausência tem enorme peso. Mesmo a actividade desportiva e a escrita, que são as relativamente mais comuns, acusam percentagens de ausência de 79% e 81%, respectivamente, sendo que as restantes actividades consideradas são exercidas por menos de um em cada dez inquiridos. Escrever é a prática relativamente mais frequente como profissional e como frequentador de cursos/aulas (mas em qualquer dos casos com valores muito baixos), o desporto é a mais frequente como ocupação de tempos livres. Relativamente à ligação a organizações de cariz associativo (como sócio ou como participante), todas as formas de participação consideradas (são 9) registam valores de ausência da prática acima dos 80%. Neste quadro, pertencer a uma equipa ou grupo desportivo e pertencer a uma associação recreativa não só são as mais comuns como também são as que registam as frequências menos baixas.

Ainda no que toca ao bloco diferentes actividades e sua prática, a frequência e necessidade de escrita é mais comum (sete em cada dez inquiridos) relativamente ao convívio com amigos, familiares e colegas (através de sms, mensagens electrónicas, etc.), em que predomina o ritmo diário ou quase. A satisfação de necessidades de estudo é a resposta menos comum.

5. Relativamente à *avaliação que os inquiridos fazem sobre a evolução da prática da leitura em geral – factores mobilizadores ou bloqueadores*, as opiniões sobre se hoje se lê mais, menos ou o mesmo do que há uma década atrás dividem-se claramente. Apesar de tudo, a mais referida é que hoje se lê mais (44%), mas a curta margem percentual daqueles que consideram que se lê menos (41%).



Os que acham que se *lê mais* atribuem essa mudança, de uma forma particularmente elevada, à maior divulgação dos livros e dos autores nos jornais, televisão e rádio, e ao maior número de pessoas com boa formação escolar. Segue-se em importância a existência de mais, e mais apelativas, bibliotecas.

Entre os que acham que se *lê menos*, a quase totalidade dos inquiridos aponta como a causa mais comum a existência de mais distrações (televisão, vídeo, jogos, computador, etc.). Entre as causas menos referidas (todas abaixo dos 50%) estão a falta de estímulos familiares, de boa formação escolar e de estímulos por parte da escola.

As posições optimistas aumentam com a idade – é o grupo com mais de 55 anos que tem a percentagem mais elevada entre aqueles que acham que se *lê mais* (50%) contra os 34% dos que têm entre 15 e 24 anos. E é este mesmo grupo dos mais jovens que regista uma percentagem maioritária (53%) na opinião de que se *lê menos*. Refira-se ainda que é entre aqueles que têm o grau de escolaridade mais baixo que a opinião de que se *lê mais* é mais evidente (50%). Refira-se ainda que a posição maioritária entre os estudantes é a de que hoje se *lê menos*. Do ponto de vista da tipologia de leitura, é entre os leitores cumulativos que se destaca a opinião de que hoje se *lê menos*.

Relativamente à *auto-avaliação da prática de leitura*, quase metade da amostra refere que nunca lhe aconteceu haver um período em que lesse mais. Porém, quando tal circunstância é mencionada, a frequência da escola ou estar a estudar é a mais referida (a proporção é de um em cada cinco inquiridos). Inversamente, no que se refere à circunstância da vida em que leu menos, a afirmação de que isso nunca lhe ocorreu é também referida por quase metade dos inquiridos. Entretanto, a circunstância mais destacadamente indicada (por um em cada dez) como associada à menor intensidade da leitura é reportada a diferentes situações de trabalho. Evidenciam-se, assim, diferentes circunstâncias justificativas dos períodos de maior e menor intensidade da leitura ao longo dos ciclos de vida.

3. Tipologia de Tempo diário gasto em quatro actividades: Ver televisão, Ouvir música, Ler e Utilizar a Internet

Das quatro actividades consideradas aquela em que os inquiridos gastam mais tempo ao longo de um dia normal, excluindo o período de férias é, como se esperaria, o visionamento de televisão (quadro 3). De acordo com os dados apurados, são 86% os que vêem mais de uma hora de televisão por dia.

A audição de música, não sendo tão exigente em tempo consumido como o visionamento é, no entanto, considerável (46% ouvem mais de uma hora por dia). Por sua vez, só 12% gastam mais de uma hora por dia a ler, enquanto na utilização da Internet isso acontece a 21%.



Prática	Tempo gasto ao longo de um dia normal							Total
	Nenhum tempo	Até ½ hora por dia	Entre ½ e 1 hora por dia	Entre 1 e 2 horas por dia	Entre 2 e 4 horas por dia	Mais de 4 horas por dia	Ns/Nr	
Ver televisão	0,4	2,9	9,8	39,9	30,9	14,8	1,3	100,0
Ouvir música	6,0	19,4	25,6	21,3	9,9	14,6	3,2	100,0
Ler	16,2	45,8	24,1	8,1	2,5	1,3	2,0	100,0
Utilizar a Internet	59,3	8,5	8,6	9,2	6,0	5,9	2,5	100,0

Quadro 3 – Tempo gasto ao longo de um dia normal segundo a prática
n = 2.552
(percentagem em linha)

Através de uma análise em componentes principais identificam-se com clareza dois factores: um que associa a Internet à leitura e outro que associa a audição de música ao visionamento de televisão (quadro 4).

	Factor	Factor
Internet e leitura		
Utilizar a Internet	,793	-,086
Ler	,716	-,112
Audiovisual		
Ouvir música	,580	,576
Ver televisão	-,214	,867

Percentagem de variância explicada = 66%.

Quadro 4 - Tempo gasto ao longo de um dia normal
n = 2.552
(análise em componentes principais)

Este resultado está em consonância com as características do que Wendy Griswold vem designado como *reading class*, ou seja, os membros das classes e fracções de classe que usam normalmente a leitura para o seu trabalho e para seu entretenimento (2005) e que, ao longo do presente estudo coincide, com grande evidência, com a categoria socioprofissional Profissionais Técnicos e de Enquadramento (PTE).

Feita esta primeira nota, avança-se uma outra linha de abordagem com análise estatística multivariada^x. Nessa análise retiveram-se cinco tipos de ocupações do tempo nas quatro actividades consideradas: *televisivos, navegadores, audiovisuais, transversais e leitores* (quadro 5).



Prática	Tipo					Totais
	Televisivos	Navegadores	Audiovisuais	Transversais	Leitores	
Ler	5,0	4,0	4,9	4,5	2,9	4,6
Ouvir música	4,7	1,8	2,1	4,0	3,2	3,5
Ver televisão	2,6	2,5	2,2	3,1	2,9	2,6
Utilizar a Internet	5,9	1,8	5,8	3,0	4,6	4,9

Base: respostas válidas à Q51 (n = 2.405).

Nota: Escala varia entre 1 = Mais de 4 horas e 6 = Nenhum tempo.

Quadro 5 - Tipologia de tempo gasto ao longo de um dia normal (média)

O tipo *televisivos* caracteriza-se por gastar muito tempo a ver televisão, pouco na leitura e (quase) nenhum na utilização da Internet. Com 40% dos casos em análise é o grupo mais volumoso. O grupo *navegadores* congrega aqueles que utilizam a Internet, ouvem música, vêem televisão e também dedicam algum tempo à leitura (11%). O grupo dos *audiovisuais* caracteriza-se justamente pelo muito tempo a ouvir música e a ver televisão e representa 26%. Por seu turno, o tipo *transversais* distingue-se pelo equilíbrio do tempo gasto nas práticas consideradas (14%). Finalmente, o tipo *leitores* destaca-se pelo tempo (relativamente) elevado que dedica à leitura e é o contingente mais reduzido (9%).

Do ponto de vista dos perfis sociais predominantes, note-se que o tipo *televisivos* se evidencia pelo carácter feminizado (56%), graus de escolaridade baixos (67% Até 2º Ciclo do Ensino Básico), mais idosos e portanto (outros) não activos e, quando Activos, pelo peso particularmente elevado que tem entre os Operários. Mostra também um peso assinalável entre os Não-leitores (quadro 6). O grupo dos *navegadores* distingue-se por ser o mais masculinizado (55%), pelo peso entre aqueles que possuem o Ensino Secundário (46%), idades mais jovens, serem Estudantes e, entre os Activos, pelas percentagens relativamente elevadas entre os Empregados executantes e os Profissionais técnicos de enquadramento. Note-se que 60% são leitores cumulativos. Quanto ao tipo *audiovisuais*, em que os homens são igualmente maioritários, embora menos acentuadamente (52%), caracteriza-se (como os *televisivos*) pela baixa escolaridade (Até 2º Ciclo do Ensino Básico são 62%), idades com peso mais significativo entre os 35 e 54 anos, pelo peso entre os Activos e pelas categorias socioprofissionais Empresários, dirigentes e profissões liberais, Trabalhadores independentes e Operários. Distinguem-se ainda como Não-leitores e como leitores parcelares. O tipo *transversais* é também masculinizado, mas a proximidade fica-se por aí: claramente mais qualificado em termos de escolaridade (28% no Ensino Médio ou Superior quando a média total é de 11%), acentuada juvenilidade, elevado peso de Estudantes e de Profissionais técnicos de enquadramento. E 63% são leitores cumulativos. Finalmente, o tipo *leitores* tem como características sociais predominantes ser vincadamente feminizado (61%), com formações secundária (44%) e média ou superior (23%) elevadas, um peso significativo entre os mais jovens, e portanto também entre os Estudantes (32%) e, enquanto Activos, nos Profissionais técnicos de enquadramento. Tem a percentagem mais elevada de leitores cumulativos (70%).



Variáveis	Tipo					Totais
	Televisivos	Navegadores	Audiovisuais	Transversais	Leitores	
Número	949	275	632	331	218	2.405
Sexo						
Feminino	56,0	45,5	48,1	47,7	61,0	52,0
Masculino	44,0	54,5	51,9	52,3	39,0	48,0
Grau de escolaridade						
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	67,3	8,4	61,9	12,7	16,1	47,0
3º Ciclo do Ensino Básico	14,0	22,5	18,5	24,5	17,0	17,9
Ensino Secundário	15,2	45,5	16,9	34,4	44,0	24,4
Ensino Médio ou Superior	3,5	23,6	2,7	28,4	22,9	10,8
Idade						
15-24	4,5	44,7	12,7	34,4	38,1	18,4
25-34	12,4	34,5	19,9	26,3	20,6	19,6
35-54	38,5	18,5	42,6	31,7	26,6	35,3
Mais de 55 anos	44,6	2,2	24,8	7,6	14,7	26,7
Condição perante trabalho						
Activos	62,6	62,5	71,2	73,4	51,8	65,4
Estudantes	1,1	30,5	4,1	18,7	31,7	10,4
Outros não activos	36,4	6,9	24,7	7,9	16,5	24,2
Categoria socioprofissional *						
EDL	14,5	16,4	20,8	12,2	13,5	16,1
PTE	5,9	23,5	4,4	30,0	31,2	11,9
TI	2,7	1,1	4,9	0,8	2,8	2,9
O	34,8	10,9	32,4	11,4	10,6	27,3
EE	42,0	48,1	37,5	45,6	41,8	41,8
Tipologia de leitura						
Não-leitores	8,2	0,7	5,2	0,6	-	4,8
Só um dos impressos - padrão	24,3	9,5	22,8	8,2	3,2	18,1
Parcelar	38,7	29,8	41,9	28,1	27,1	36,0
Cumulativa	28,8	60,0	30,1	63,1	69,7	41,1

Base: respostas válidas à Q 51 (n = 2.405).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Quadro 6 - Tipologia de tempo gasto ao longo de um dia normal por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Tipologia de leitura

(percentagem em coluna)

O cruzamento da Tipologia de práticas diárias com a Tipologia de leitura permite clarificar um pouco mais as relações estabelecidas (quadro 7). Assim, os Não-leitores, os leitores de um só impresso-padrão e os leitores Parcelares concentram-se nos grupos *televisivos* e *audiovisuais* (somados representam,



respectivamente, 97%, 86% e 73% nestes dois tipos), sendo clara a relação inversa entre os *televisivos* e a leitura: quanto mais exigente a leitura em número de suportes, menor a percentagem. Quanto à leitura Cumulativa mostra uma distribuição mais equilibrada, com a percentagem mais elevada a referir-se igualmente ao tipo *televisivos* (28%) e a chegar perto da maioria dos inquiridos com a percentagem do tipo *transversais* (21%, que somada à dos *televisivos* totaliza 49%).

Tipologia de leitura	Tipo					Total
	Televisivos	Navegadores	Audiovisuais	Transversais	Leitores	
Não-leitores	67,8	1,7	28,7	1,7	-	100,0
Só um dos impressos - padrão	53,1	6,0	33,1	6,2	1,6	100,0
Parcelar	42,4	9,5	30,6	10,7	6,8	100,0
Cumulativa	27,6	16,7	19,2	21,1	15,4	100,0
<i>Total</i>	<i>39,5</i>	<i>11,4</i>	<i>26,3</i>	<i>13,8</i>	<i>9,1</i>	<i>100,0</i>

Base: respostas válidas à Q 51 (n= 2.405).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,00$).

Quadro 7 - Tipologia de práticas diárias por Tipologia de leitura

n = 2.405

(percentagem em linha)

Dito de outra forma, embora seja possível afirmar que, entre aqueles que se caracterizam por ocupar mais tempo a ver televisão, se evidencia uma relação negativa com a leitura (em termos de número de suportes) isso não significa que, de uma forma geral, se possa falar de mútua exclusão. Repare-se, aliás, que 28% dos tipificados como *televisivos* cabem simultaneamente no tipo de leitura Cumulativa.

Finalmente, como se relaciona esta Tipologia de práticas diárias com a Tipologia de leitura de livros? As relações evidenciadas não se alteram significativamente mas os valores relativos em causa dão conta de que se trata de um suporte de leitura mais exigente (quadro 8).

Tipologia de leitores de livros	Tipo					Total
	Televisivos	Navegadores	Audiovisuais	Transversais	Leitores	
Pequenos	35,3	14,1	22,5	17,8	10,3	100,0
Médios	19,3	18,1	12,1	26,7	23,9	100,0
Grandes	10,7	26,8	12,5	10,7	39,3	100,0
<i>Total</i>	<i>30,0</i>	<i>15,7</i>	<i>19,3</i>	<i>19,8</i>	<i>15,1</i>	<i>100,0</i>

Base: leitores de livros que responderam à Q51 (n = 1.325).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,00$).

Legenda: Pequenos = 1-5 livros por ano; Médios = 6-20 livros; Grandes = + de 20 livros.

Quadro 8 - Tipologia de práticas diárias por Tipologia de leitores de livros

n = 1.325

(percentagem em linha)



Assim, os Pequenos leitores têm o valor mais elevado no tipo *televisivos* (35%); os Médios nos *transversais* (27%); e os Grandes no tipo *leitores* (40%).

4. Notas conclusivas

O Inquérito *A Leitura em Portugal* actualiza os dados de anteriores estudos sociológicos sobre hábitos de leitura. Uma das principais conclusões refere-se ao recuo dos não leitores e ao crescimento das taxas de leitores dos diversos suportes, com destaque para os leitores de jornais. Neste aspecto Portugal não acompanha o recuo da leitura evidenciada noutros países. Contudo, este crescimento deve ter em conta os baixos patamares registados em Portugal quando comparados com outros países europeus. Uma outra conclusão é que, de um modo geral, os perfis dos leitores em Portugal são similares aos identificados noutros estudos sociológicos.

Para além destes resultados relativos à evolução registada, na presente comunicação fez-se uma síntese de alguns dos principais indicadores das várias dimensões inquiridas e ilustraram-se as abordagens multivariadas realizadas no estudo com a tipologia resultante de 4 indicadores: ver televisão, ouvir rádio, utilizar a internet e ler.

Bibliografia citada

- BENAVENTE, Ana (coord.), ROSA, Alexandre, COSTA, António Firmino da e ÁVILA, Patrícia (1996), *A Literacia em Portugal: Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARDOSO, Gustavo, COSTA, António Firmino da, CONCEIÇÃO, Cristina Palma e GOMES, Maria do Carmo (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto, Campo das Letras.
- COSTA, António Firmino da, ÁVILA, Patrícia e MATEUS, Sandra (2002), *Públicos da Ciência em Portugal*, Lisboa, Gradiva.
- COSTA, António Firmino da, PEGADO, Elsa; ÁVILA, Patrícia e outros (2008), "Avaliação do Plano Nacional de Leitura", Lisboa, CIES-ISCTE.
- DENDANI, Mohamed e REYSSET, Pascal (1998), "Lectures des magazines chez les étudiants : Lecture loisir, lecture scolaire", em *BBF*, nº 43(5), pp. 62-70.
- DONNAT, Olivier (1994), *Les Français Face à la Culture: de L'exclusion à L'eclectisme*, Paris, Éditions La Découverte.
- DONNAT, Olivier (2004), "Encuestas sobre los comportamientos de lectura. Cuestiones de método", em LAHIRE, Bernard (ed.), *Sociología de la Lectura*, Barcelona, Gedisa, pp. 59-84.
- EUROSTAT (2001), "Eurobarometer Survey on Europeans' Participation in Cultural Activities: Basic tables", Bruxelas, Eurostat (Eurobarometer 56.0 - Autumn 2001).
- EUROSTAT (2007), "Cultural Statistics in Europe. An overview", Bruxelas, Comissão Europeia, 8 pp.
- FREITAS, Eduardo de (1996), "Os Hábitos de Leitura dos Portugueses", em *Livros de Portugal*, nº IX (516).
- FREITAS, Eduardo de, CASANOVA, José Luís e ALVES, Nuno de Almeida (1997), *Hábitos de Leitura: um Inquérito à População Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.



- FREITAS, Eduardo de e SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1991), "Inquérito aos hábitos de leitura (I)", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 10, pp. 67-89.
- FREITAS, Eduardo de e SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1992a), *Hábitos de Leitura em Portugal: Inquérito Sociológico*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- FREITAS, Eduardo de e SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1992b), "Leituras e leitores II: Reflexões finais em torno dos resultados de um inquérito", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 11, pp. 79-87.
- GOMES, Rui Telmo, (coord.), LOURENÇO, Vanda e NEVES, João Gaspar (2000), *Públicos do Festival de Almada*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- GRISWOLD, Wendy, MCDONNELL, Terry e WRIGHT, Nathan (2005), "Reading and the reading class in the twenty-first century", em *Annual Review of Sociology*, nº 31, pp. 127-141.
- KNULST, Wim e BROEK, Andries van den (2003), "The readership of books in times of de-reading", em *Poetics*, nº 31, pp. 213-233.
- LAGES, Mário F., Liz, Carlos, ANTÓNIO, João H. C. e CORREIA, Tânia Silva (2007), *Os Estudantes e a Leitura*, Lisboa, GEPE - Gabinete de Estatística e Planeamento do Ministério da Educação.
- LOPES, Guilhermina Calado, COELHO, Edviges, NEVES, José Soares, GOMES, Rui Telmo, PERISTA, Heloísa e GUERREIRO, Maria das Dores (2001), *Inquérito à Ocupação do Tempo 1999: Principais Resultados*, Lisboa, INE - Instituto Nacional de Estatística.
- LOPES, João Miguel Teixeira e ANTUNES, Lina (2001), *Novos Hábitos de Leitura: Análise Comparativa de Estudos de Caso*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- NEVES, José Soares, LIMA, Maria João e BORGES, Vera (2008), *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*, Lisboa, GEPE - Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.
- PAIS, José Machado, NUNES, João Sedas e MENDES, Fernando Luís (1994), *Práticas Culturais dos Lisboaetas*, Lisboa, ICS-UL.
- PETRAKOS, Michalis, PHOTIS, Stavropoulos, LEFTEROVA, Nevena e NIKOLAOU, Vassilis (2005), "Evaluation of the questionnaire on cultural participation included in the Eurobarometer survey: Comparison of Results between National Surveys on Cultural Participation and Eurobarometer Survey", Atenas, EUROSTAT e AGILIS.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1992), "O público-leitor e a apropriação do texto escrito", em CONDE, Idalina (coord.), *Percepção Estética e Públicos da Cultura: compilação das comunicações apresentadas no colóquio realizado em 11 e 12 de Outubro de 1991*, Lisboa, ACARTE - Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), NEVES, José Soares; LIMA, Maria João e CARVALHO, Margarida (2007), *A Leitura em Portugal*, Lisboa, GEPE/ME
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), NUNES, João Sedas, CRUZ, Sofia Alexandra e LOURENÇO, Vanda (2001), *Públicos do Teatro S. João*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, GOMES, Rui Telmo, NEVES, José Soares, LIMA, Maria João, LOURENÇO, Vanda, MARTINHO, Teresa Duarte e SANTOS, Jorge Alves dos (2002), *Públicos do Porto 2001*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- SIM-SIM, Inês e RAMALHO, Glória (1993), *Como Lêem as Nossas Crianças? Caracterização do Nível de Literacia da População Escolar Portuguesa*, Lisboa, Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP) - Ministério da Educação.



SIM-SIM, Inês e VIANA, Fernanda Leopoldina (2007), Para a Avaliação do Desempenho de Leitura, Lisboa, GEPE - Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.

SINGLY, François de (2005), "Les étudiants lisent encore!" em Sciences Humaines, nº 161, pp. 28-33.

SKALIOTIS, Michail (2002), "Keys figures on cultural participation in the European Union", comunicação apresentada na Conferência Statistics in the Wake of Challenges Posed by Cultural Diversity in a Globalization Context, Montréal, 21 a 23 de Outubro.

SPADARO, Rosario (2002), "Europeans' participation in cultural activities: a Eurobarometer survey carried out at the request of the European Commission - Executive summary", Bruxelas, Eurostat.

ⁱ A equipa de investigação foi coordenada por Maria de Lourdes Lima dos Santos e integrou José Soares Neves, Maria João Lima e Margarida Carvalho. O relatório final foi publicado em 2007 (Santos, Neves, Lima e Carvalho, 2007) e encontra-se disponível para download em <http://www.gepe.min-edu.pt>.

ⁱⁱ O Inquérito completou ainda um módulo dirigido aos pais e/ou encarregados de educação de alunos com frequência do ensino básico ou secundário (sub-amostra) incidindo sobre os modos de relacionamento com a prática da leitura dos filhos e educandos e com as actividades promovidas pela escola e sobre os posicionamentos quanto às bibliotecas escolares e às bibliotecas públicas. Os resultados encontram-se publicados em (Santos, Neves, Lima e Carvalho, 2007).

ⁱⁱⁱ O PNL promoveu a realização diversos estudos junto de universidades e centros de investigação. Até ao momento, e para além do presente Inquérito à Leitura em Portugal, são de referir, o inquérito aos hábitos de leitura da população escolar (Lajes, Liz, António e Correia, 2007), a identificação e análise de práticas nacionais e internacionais para promoção da leitura (Neves, Lima e Borges, 2007) e o levantamento de instrumentos de avaliação de leitura produzidos em Portugal (Sim-sim e Viana, 2007). Está em curso o estudo de avaliação do PNL (Costa, Pegado e Ávila, 2008).

^{iv} De modo a facilitar a sua identificação, este inquérito será referido na presente comunicação por Inq. 92.

^v Os dois primeiros inquéritos foram realizados por encomenda da tutela governamental do sector, o primeiro pelo então Instituto Português do Livro e da Leitura e o segundo pelo então Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

^{vi} Antes tinham já sido divulgados alguns resultados, relativos à distribuição dos leitores por género de livros lidos mais frequentemente, na revista *Livros de Portugal* (Freitas, 1996).

^{vii} Este segundo inquérito será identificado na comunicação como Inq. 97.

^{viii} Para efeitos de comparação com outros inquéritos, o estudo *A Leitura em Portugal* será identificado pela abreviatura LP 2007.

^{ix} O referido estudo foi realizado nos então 15 Estados-Membros da União Europeia e inclui dados para Portugal. Em 2003 o mesmo inquérito foi aplicado aos 12 países do alargamento. Tenha-se ainda em conta que, embora constituindo um termo de comparação a não desprezar, este estudo internacional foi alvo de críticas pelas limitações na análise por país, designadamente nos aspectos relacionados com: as técnicas utilizadas em cada país para a recolha dos dados; a dimensão das amostras nacionais; a tradução dos questionários; a (des)adequação das perguntas aos diferentes contextos nacionais; o período em que decorreu a aplicação do questionário (Knulst e Broek, 2003; Petrakos, Photis, Lefterova e Nikolaou, 2005). Adiante-se que Portugal é o país com a taxa de leitura mais baixa dos 27.

^x *K-Means Clusters*.